

EAD/ECA/USP APRESENTA:

A VISITA DA VELHA SENHORA

DE — FRIEDRICH DURRENMATTT

DIREÇÃO: CELSO FRATESCHI



QUARTA A SÁBADO ÀS 21H30 — DOMINGO ÀS 20H30

DE 25 DE NOVEMBRO A 13 DE DEZEMBRO DE 2015

* DIA 2 DE DEZEMBRO NÃO HAVERÁ APRESENTAÇÃO

ECA/USP — TEATRO LABORATÓRIO — SALA MIROEL SILVEIRA

RUA DA REITORIA, 215 (TRAVERSA DA AV. PROF. LUCIANO GUALBERTO)

“A moralidade de Güllen é mercadoria e a mercadoria tem preço.” Anatol Rosenfeld em Teatro Moderno.

A fábula alegórica de Dürrenmatt impõe a nós, atores, algumas condições no trabalho da representação. Se o recorte temático é o da moralidade como mercadoria, é preciso buscar a forma estética com a qual as personagens vão se convertendo, também elas, em mercadorias. No decorrer da trama, os valores morais e éticos cedem à ordem da lei de mercado, e a realidade da fábula se torna produto de consumo. Os traços grotescos vão ficando mais evidentes a cada passo deste processo. Portanto, dar conta do gesto na cena é narrar o processo. É preciso evidenciar as contradições. Neste sentido, uma pista: as personagens só representam algum aspecto no geral quando representam este aspecto no particular — aspectos particulares e universais da contradição, que sempre andam juntos. Sendo assim, o gesto busca atravessar a partitura dos atores que se revezam nas personagens. Deve-se procurar alcançar a objetificação das figuras, ao passo que estas se aproximam — e desejam aproximar-se — da imagem da velha senhora; buscar estar colocados fora das personagens, mas absolutamente dentro das questões que as envolvem; encontrar a inteligência da cena desenvolvida como ação e pensamento enunciado. Em meio a estas condições, típicas de um processo desafiador, resta em nossas mãos o trabalho de dar contundência crítica a um texto que, em muitos aspectos, ainda diz muito sobre a nossa realidade.

Turma 65 - EAD/ECA/USP



Elenco - Turma 65

André César Mendes
Artur Reis Priego (Artur Reis)
Caroline da Cunha Duarte (Caroline Duarte)
Clara Lobato Buganeme Pereira (Klarah Lobato)
Debora Agatha Rebecchi Trindade (Debora Rebecchi)
Felipe Ludovico Pereira (Felipe Ludovico)
Gabriel Gentile Dellilo (Gabriel Dellilo)
Henrique da Silva Figueiredo (Henrique Figueiredo)
Ivy de Souza (Ivy Souza)
Leticia de Souza Campos (Leticia Bassit)
Mônica Augusto da Silva (Mônica Augusto)
Rafael Simões De Bona (Rafael De Bona)
Renato Rocha da Cruz (Renato Cruz)
Victor Alves Teixeira (Victor Alves)

Ficha Técnica

Direção: Celso Frateschi
Assistência de Direção: Fernanda Cunha
Preparação Corporal: Tarina Quelho
Cenário: Zito Rodrigues
Figurinos: Sylvia Moreira
Costureira: Silvana de Carvalho
Desenho de Luz: Denilson Marques
Operação de Luz: Nara Zocher e Afonso Costa
Desenho Gráfico do Programa: Michel Carasso
Produção Executiva e Bilheteria: Bertha S. Heller

Secção Técnica do Teatro Laboratório:

Diretora de Produção: Bertha S. Heller - Produção: Idalvo (Fernandes) - Iluminação e Sonoplastia: Denilson Marques, Mário de Castro, Gustavo Viggiano, Marco Antonio Vieira da Silva e William Mathias de Oliveira - Cenotécnica: Alexandre Lopez Afonso, Juliano Tramujas, Nilton Ruiz Dias e Zito Rodrigues - Costura: Silvana de Carvalho, Raimunda Lopes da Silva Santos e Vanda Aparecida Conceição - Cenografia e Adereços: Jonas de Moraes e Paulo Basílio

Professores da EAD:

Ana Maria A. Miranda, Antonio Rogério Toscano, Celso Frateschi, Cristiane Paoli Quito, Elisabete V. Dorgam Martins (Bete Dorgam), José Fernando P. de Azevedo, Maria Isabel Setti, Mônica de A.P. Montenegro, Sandra R. Sproesser, Silvana Garcia, Silvia Taques Bittencourt e Tarina Quelho de Castro

Secretaria:

Carlos Alves da Costa (Croata) e Roberto Elias Jugdar
Diretor da Escola de Arte Dramática: Prof. Dr. José Fernando Peixoto de Azevedo
Vice-Diretora da Escola de Arte Dramática: Profa. Dra. Elisabete Vitória Dorgam Martins
Diretora da Escola de Comunicações e Artes: Profa. Dra. Margarida M. Krohling Kunsch
Vice-Diretor da Escola de Comunicações e Artes: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro
Reitor da Universidade de São Paulo: Prof. Dr. Marco Antonio Zago
Vice-Reitor da Universidade de São Paulo: Prof. Dr. Vahan Agopyan

Friedrich Dürrenmatt nasceu na Suíça, a 5 de Janeiro de 1921, na cidade de Konolfingen (cantão de Berna). Filho de um pastor protestante, em determinada oportunidade, declarou-se neutro em relação a sua posição ideológica e se definiu como "um protestante que protesta":

"A neutralidade cria a opção de pensar com liberdade. Assim pode-se criticar sem complacência os dois lados da barricada". Dürrenmatt não é um otimista em relação ao gênero humano e não tem nenhuma ilusão sobre o homem. Onde quer que viva, sob que bandeira se esconda, o homem sempre acaba sucumbindo: ao poder, ao dinheiro, às instituições. Uns esmagam, outros são esmagados e a decantada liberdade, proposta em tantas revoluções, não existe. Para Dürrenmatt, a liberdade só pode ser encontrada na arte.

Mas, apesar de tudo, a vida é uma perene tragicomédia. "Apenas a comédia nos convém", diria Dürrenmatt em 1955, numa conferência sobre problemas de teatro. "Em nosso tempo é extremamente cruel imaginar que há culpados ou responsáveis. Todos os homens são inocentes e tudo acontece sem a intervenção de ninguém. A culpa é coletiva e atávica, alguma coisa que foi inexoravelmente herdada através de séculos e gerações. Essa é a nossa sorte e não a nossa culpa. E no fim das contas, todos os homens estão condenados à morte."

Para transpor para o teatro sua amarga visão de mundo, Dürrenmatt escolheu a ironia, o humor agressivo, uma mescla de tragédia e comédia. Nada melhor que o grotesco para jogar com o absurdo da condição humana.

Em "A Visita da Velha Senhora", a cidade inteira vive mergulhada no marasmo e na ignorância. Homens, mulheres e crianças convivem com a decadência e a miséria. Um silêncio fantasmagórico envolve a pequena estação, onde qualquer tipo de aparato foi eliminado: há muito tempo os trens não param em Gullen, pequena cidade da Europa central arrasada por violenta crise econômica.

Um dia, porém, a arruinada estação é tomada por movimentação incomum. Todos se preparam para receber Clara Zahanassian, velha e milionária senhora, dona de vasto império econômico. Somente ela poderá salvar a cidade da derrocada final.

Clara nasceu em Gullen. Aos dezessete anos, apaixonou-se perdidamente por um jovem ambicioso, Alfred Shill. Grávida, exigiu justiça para si e para o filho que ia ter. Alfred e todos os homens "honestos" da cidade, porém, envolveram-na num processo humilhante, ao fim do qual ela acabou sendo expulsa.

Obrigada a sair cidade, Clara tornou-se prostituta e, depois, esposa de um milionário (Zahanassian). Quarenta e cinco anos depois, a velha senhora milionária está de volta e é a última esperança de Gullen.

"A Visita da Velha Senhora" é uma peça engraçada, mas o cômico de Dürrenmatt oculta um sentido trágico que o espectador, incomodado, acabará por descobrir. Não é alentador perceber que a moral se rege não por nobres sentimentos, mas pelos estômagos famintos.

"A Visita da Velha Senhora" estreou no Schauspielhaus de Zurique em janeiro de 1956; em maio, chegava no Kammerspiel e Munique e, antes do fim do ano, já tinha conquistado as plateias de Paris, Londres, Tóquio e Nova York.

No Brasil, a peça foi apresentada por Cacilda Becker em 1962. A atriz interpretou o denso papel de Clara Zahanassian, num grande espetáculo dirigido por Walmor Chagas. Ao seu lado, outros intérpretes famosos e, como Cacilda, já falecidos: Sérgio Cardoso (Alfred Shill), Eugenio Kusnet (o mordomo), Fred Kleemann (o subserviente burgomestre).

No pós-fácio da peça, Dürrenmatt classifica sua obra como uma "comédia trágica" e observa que não é uma boa peça, mas justamente por isso deveria ser bem apresentada, do modo "mais humano possível, com tristeza, com cólera, mas também com certo humor, pois nada prejudicaria tanto esta comédia, que acaba tragicamente, quanto uma excessiva seriedade".

Segundo John Gassner "Dürrenmatt é sem dúvida uma das figuras mais importantes do teatro contemporâneo. Vinculado ao teatro do absurdo e às mais modernas manifestações da arte em geral, ele consegue realizar experiência teatrais bastante pessoais. Seu teatro recebe influência das técnicas utilizadas por Brecht, mas apresenta o homem enquanto criatura com absurda e essencialmente miserável. Sua visão de mundo é pessimista, frustrante, mas sempre comprometida com uma crítica total ao nosso tempo".